

Várias tardes no museu

Lucas Alexandre

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Nicholy da Costa

Licencianda do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Rafael Pablo

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Veridiano Dantas

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Vinicius Thawaan

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Orientador de Estágio:

Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo
(UFRN/DPEC)

03

O componente curricular Estágio Supervisionado de Formação de Professores II tem se mostrado ao longo dos anos cada vez mais indispensável na formação dos discentes. Thiago Severo, docente responsável por conduzir a turma nessa jornada de aprendizado nos instruiu a experimentar uma coisa diferente esse semestre: exercer a prática de estágio em um espaço não formal de ensino. Aqui buscamos expressar o quão enriquecedora e gratificante essa experiência foi.

Escolhemos o Museu de Ciências Morfológicas (MCM) como nosso espaço não formal de ensino, para o desenvolvimento do nosso Estágio II. O MCM é composto por três salas: Anatomia humana, Museu do mar e Anatomia comparada, cada uma com temas únicos. Durante as primeiras semanas fizemos um trabalho de reconhecimento e integração no museu, acompanhamos visitas guiadas pelos monitores do local e também interagimos com o público que ocasionalmente nos confundia com os monitores. Observamos a dinâmica das visitas de maneira que pudéssemos criar uma forma dinâmica e interativa pela qual os visitantes poderiam ser tocados pela discussão que queríamos trazer e que, a cada novo *brainstorm*, ficava mais e mais complexa. Foi bastante motivador observar a curiosidade e a admiração das pessoas que entravam em contato com o que o museu tinha a apresentar.

Motivados pelos desastres ambientais que assolavam o país na época, nós escolhemos a sala da anatomia comparada para desen-

volver nossa oficina, pois tínhamos em mente a proposta de levar a questão de conscientização e conservação para os visitantes. Com o sentimento de preocupação para com uma questão de dimensões tão grandes, buscamos desenvolver algo que fosse ao mesmo tempo lúdico, mas também informativo e impactante. Estávamos decididos a tentar proporcionar um momento de aprendizado, mas também de reflexão acerca do assunto.

O que tínhamos até então era um espaço que contava com animais empalhados, algumas plantas e a nossa determinação. A primeira ideia que surgiu foi discutir a adaptação dos animais usando suas diversas morfologias para ilustrar; “por que os animais são como são?”, foi o questiona-

Foi bastante motivador observar a curiosidade e a admiração das pessoas que entravam em contato com o que o museu tinha a apresentar

mento que veio em nossas mentes. Queríamos que isso fizesse parte do que estávamos criando. Nessa perspectiva, dividimos a sala em três biomas e alocamos os respectivos animais e características ambientais nesses três espaços: caatinga, floresta amazônica e mata atlântica, para que pudéssemos falar sobre a relação que cada animal tinha com o seu hábitat e como as características deles eram vantajosas em cada ambiente. Mas isso nos parecia pouco, discutir não seria o suficiente para alcançar nosso objetivo, foi então que num rompante surgiu a ideia: “por que não colocamos os visitantes na pele dos animais?”, neste ponto do trabalho pensamos em confeccionar *cards*, os quais iriam conter fotos dos animais que podiam ser encontrados na sala. O que começou como uma tarefa maçante de início, tornou-se significativamente

valorosa, pois nos permitiu um olhar mais atento para os animais que ali se apresentavam, bem como uma visão mais comparativa com relação aos biomas.

A proposta foi a seguinte, os visitantes receberam *cards* na porta da sala e foram encaminhados para o próximo membro do grupo que estava com um celular contendo fotos dos biomas, então o visitante escolheria um bioma que combinasse com o animal do seu *card* e era encaminhado para a parte da sala onde o bioma estava, logo de cara eles descobriam se tinham acertado na escolha, pois os animais estavam separados na sala e era possível identificar onde cada um estava. Após isso conduzimos uma discussão sobre porque os animais são encontrados em ambientes diferentes e o que pode ser observado neles para se chegar a essa resposta. Depois desse momento mais teórico, colocamos o pessoal para montar uma cadeia trófica apenas com os animais existentes no seu bioma e seguimos com uma socialização das ideias para a penúltima etapa da visita: “o que aconteceria se uma espécie fosse completamente extinta nesse bioma?” e para fechar com chave de ouro falávamos sobre o impacto do ser humano na natureza.

Tudo estava pronto, *cards* impressos, conceitos na ponta da língua, chegou o grande dia de receber nossa primeira turma de visitantes. Parecia que íamos explodir de ansiedade e que nada daria certo, até que finalmente quebramos o gelo, cada um de nós assumiu uma função, sendo responsável por uma parte da oficina. A tensão sentida nos primeiros momentos foi sendo completamente esquecida enquanto “passeávamos” pelos biomas do norte e nordeste com os alunos do ensino superior de pedago-



Segunda aplicação (Foto: Equipe/UFRN)

gia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Como foi o primeiro dia de realização da oficina, nos deparamos com algumas dificuldades, como a sequência das etapas, uma vez que com a proposta construtivista do nosso trabalho no início acabamos deixando as discussões soltas demais, o que acabou antecipando etapas antes da hora, já que os visitantes se mostraram eufóricos com a proposta. Entretanto, com o desenrolar da oficina a tensão foi diminuindo e como a turma foi muito participativa, tornou todo o processo mais tranquilo, permitindo que nós conseguíssemos reorganizar a sequência da oficina e tudo transcorreu como o planejado. Durante a aplicação do trabalho, eles permaneceram muito atentos e bem humorados. Foi muito gratificante ver as brincadeiras e discussões fluindo de forma natural. Finalizamos com a crítica às ações antrópicas no ambiente e pedimos para que comentassem. Muitas falas significa-

tivas surgiram, o que tornou a discussão bastante rica. Percebemos no primeiro grupo que a discussão final trazia um clima denso para a sala, mas decidimos manter a ideia. Ouvimos elogios dos visitantes como o caso de uma estudante que já havia visitado o museu por conta própria e afirmou que a oficina na sala da anatomia comparada tornou a experiência muito mais interativa, interessante e significativa do que a forma expositiva que havia sido apresentada no primeiro momento em que ela esteve presente no Museu.

Depois do primeiro dia agendamos outras datas para a aplicação da oficina, todavia, foi aí que nos deparamos com a grande dificuldade dos espaços não formais de educação e a disponibilidade de veículo para transporte dos alunos. As visitas estavam agendadas, estávamos prontos para dar continuidade ao trabalho, mas por motivos diversos as visitas foram canceladas, impossibilitando a aplicação da oficina. Isso nos desestimulou profundamente, pois o período de finalização do estágio estava se aproximando. Após uma semana sem nenhuma visita ao museu em que pudéssemos encaixar nosso projeto, eis que surge uma escola. Diferente do primeiro público que recebemos, esse grupo era composto por crianças e pré-adolescentes, por esse motivo a segunda aplicação se

mostrou mais desafiadora. Os alunos se mostraram muito empolgados e envolvidos com a proposta, transformando esse desafio em mais uma socialização de conhecimentos bem sucedida. Sendo assim, com uma abordagem construtiva da aprendizagem conseguimos conduzir ricas discussões de saberes que trouxeram à tona conhecimentos do cotidiano dos alunos, dos locais em que moravam, dos costumes de suas famílias... Ao final, mais uma vez, aquele clima triste nos olhos dos visitantes.

Essa jornada chegou ao fim e, mesmo com todas as dificuldades e desafios, podemos dizer com tranquilidade que não estamos partindo do jeito que chegamos. Conhecimento foi construído em nós também, afinal estamos passando pela formação docente. Estar em contato com pessoas que compartilham dos nossos interesses e ficar submersos num ambiente de aprendizado, foi extremamente enriquecedor para o prosseguimento de nossas futuras carreiras na docência. Essas pequenas coisas nos lembraram porque escolhemos licenciatura, porque queremos ser professores; o brilho no olho de um aprendiz que acaba de descobrir uma coisa nova é o que nos move. Perseveremos nesses tempos difíceis para a educação, pois a educação transforma vidas.



(Foto: UFRN)